



**OUTRAS
PERSPECTIVAS**



CLARICE LISPECTOR ENTRE-VISTAS PORTUGUESAS: TEOLINDA GERSÃO, ANA TERESA PEREIRA, INÊS PEDROSA E HÉLIA CORREIA

THIAGO CAVALCANTE JERONIMO*

Consagrada como uma das vozes mais originais da literatura em língua portuguesa, Clarice Lispector (1920-1977) publicou, ao longo de 37 anos de intensa produção, romances, contos, literatura infantojuvenil, crônicas, entrevistas, peça teatral, textos inclassificáveis às definições estanques de gêneros textuais, a exemplo de *Água viva* (1973), além de se dedicar informalmente à criação no domínio das artes plásticas, atividade de que resultaram 23 telas conhecidas.

Derivados de sua extensiva construção jornalística, os gêneros crônica e entrevista também sofreram modificações ao estilo de Clarice Lispector. Pondo atenção às mais de cem entrevistas que produziu, a idealização comumente associada a esse gênero – perguntas e respostas – foge das disposições consideradas por Lispector. Sua primeira entrevista, publicada em dezembro de 1940, três anos antes do lançamento de *Perto do coração selvagem* (1943), aponta para o que seria comum às entrevistas que se seguiriam: Clarice não mantinha distanciamento em relação aos seus entrevistados.

* O presente trabalho, dedicado a João da Silva Pereira, inscreve-se no âmbito do estágio pós-doutoral realizado no Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, Portugal, 2021/2022, sob supervisão do Prof. Dr. Paulo Alexandre Cardoso Pereira.

Aparecida Maria Nunes esclarece que, “ao traçar um perfil do entrevistado”, Clarice Lispector “fala de si mesma e divide com o leitor os problemas para os quais buscava resposta” (NUNES, 2006, p. 19). Nesse veio, complementa a investigadora, “o leitor se informa sobre o entrevistado e sobre a entrevistadora, porque as perguntas são feitas a partir do ponto de vista de Clarice, de suas inquietações” (NUNES, 2006, p. 19).

Ciente do caráter transgressor que tonificou sua produção como entrevistadora, a autora explicou:

Eu me expus nessas entrevistas e consegui assim captar a confiança dos meus entrevistados a ponto de eles próprios se exporem. As entrevistas são interessantes porque revelam o inesperado das personalidades entrevistadas. Há muita conversa e não as clássicas perguntas e respostas (LISPECTOR, 2007, p. 10).

Note-se que, nas entrevistas de Clarice Lispector compiladas em *De corpo inteiro* (1975) e em *Entrevistas/Clarice Lispector* (2007), algumas perguntas, de cunho filosófico e abstratas, ganham projeção nos dois volumes, isso porque Clarice as usava recorrentemente para configurar o seu trabalho jornalístico:

“O que é o amor?”,

“Qual a coisa mais importante na vida?”,

“O que define o ser humano como pessoa?”.

Esses “questionamentos claricianos” se mostram sincronizados com as quatro entrevistas que, neste trabalho, se materializam como forma de presentificar a voz da repórter Clarice entre as visões consideradas e os temas aludidos. Para tanto, as quatro escritoras de literatura contemporânea portuguesa – Teolinda Gersão (Prêmio Vergílio Ferreira 2017), Ana Teresa Pereira (Prêmio Oceanos 2017), Inês Pedrosa (Prêmio Máxima de Literatura 2011) e Hélia Correia (Prêmio Camões 2015) –, tentam responder às perguntas emblemáticas que eram comuns ao catálogo da entrevistadora Clarice e, a partir delas, discorrem acerca de suas ligações, tênues ou intensivas, com a autora de *A paixão segundo G. H.* (1964), expondo, também, avaliações a respeito de suas respectivas produções ficcionais.

O conjunto das entrevistas a seguir registrado, ao mesmo tempo que dá ao leitor parte da dimensão da obra de Clarice Lispector em Portugal, na visão de quatro escritoras portuguesas de relevantes produções – Clarice entre vistas

portuguesas –, apresenta, simultaneamente, perfis dessas escritoras no tocante à ficção portuguesa contemporânea de autoria feminina.

TEOLINDA GERSÃO¹

Teolinda Gersão nasceu em Coimbra, mas vive em Lisboa. Estudou Germanística, Romanística e Anglística nas Universidades de Coimbra, Tübingen e Berlim, foi Leitora de Português na Universidade Técnica de Berlim, assistente na Faculdade de Letras de Lisboa, e, depois de provas acadêmicas, professora catedrática da Universidade Nova de Lisboa, onde ensinou Literatura Alemã e Literatura Comparada. Autora sobretudo de romances, publicou até agora duas novelas e quatro coletâneas de contos, sendo *O regresso de Júlia Mann a Paraty* (2021) seu livro mais recente. Seu acervo está traduzido em 20 países. Atuou como escritora-residente na Universidade de Berkeley em 2004.²

TCJ: A entrevistadora Clarice Lispector tinha perguntas-chave que direcionava aos seus entrevistados. São elas: o que é o amor? Qual a coisa mais importante na vida? O que define o ser humano como pessoa? Você poderia tentar responder a essas questões?

TG: *Não sabia dessas perguntas-chave de Clarice! É curioso, agora que me pergunta, tenho a sensação maravilhosa mas insólita de estar a ser entrevistada por Clarice, o que nunca imaginei possível... Claro que teria adorado tê-la encontrado, nem que fosse apenas uma vez na vida, mas para ouvi-la falar de si própria. Só me imagino a escutá-la! Cronologicamente, em teoria, esse encontro teria sido possível em 1977; quando ela morreu, eu tinha 37 anos. Numa entrevista imaginária, eu sei que responderia: Clarice, mas o amor é a coisa mais importante da vida! O que define o ser humano como pessoa é a capacidade de se colocar no lugar do outro, e de sentir empatia e compaixão. O que acontece sempre com você, Clarice.*

TCJ: Qual foi o seu primeiro contato com a obra de Clarice Lispector? Há algum texto da autora que ocupa lugar especial em suas leituras?

1 Entrevista concedida em 5 de fevereiro de 2021.

2 Informações biográficas retiradas do site oficial da autora: <https://teolindagersao.wordpress.com>.

TG: *Recordo-me de, quando eu tinha uns 19 anos, encontrar numa feira do livro em Lisboa, Perto do coração selvagem, editado em Portugal pelos Livros do Brasil. Comprei o livro porque gostei do título, e encontrei Clarice, que até então nem sabia que existia. Achei o livro excepcional, e espantei-me por ele não encontrar aqui nenhum eco na imprensa, pelo menos que eu desse conta. Pareceu-me que passou simplesmente despercebido. Senti muitas afinidades com Clarice, e também divergências fundas: a solidão e o vazio de Joana tocavam um misticismo que eu não partilhava, e, por outro lado, eu lidava bem com o corpo e o erotismo, e a personagem não. Surpreendeu-me que Joana perguntasse à amante de Octávio se ela o amava com o corpo, e, quando ela responde que sim, Joana diz: Então é amor. Mas, quando a amante lhe devolve a pergunta, a resposta de Joana é: Nem tanto.³ Nem tanto? Espantei-me. Joana era desconcertante e enigmática. Clarice certamente também. Mas, durante muito tempo, nada mais li dela. Só muito mais tarde, a sua obra foi publicada entre nós, dessa vez felizmente com o enorme sucesso que merecia. Hoje creio que prefiro os contos e as crónicas de Clarice a qualquer dos seus romances.*

TCJ: Foi lançado em julho de 2020, no Brasil, ano difícil, se considerado pelo prisma da pandemia da Covid-19, o seu livro *Alice e outras mulheres*. Do que trata esse volume de contos? Como nasceu esse título?

TG: *Trata-se de uma colectânea de contos já publicados em Portugal. A selecção foi feita pela minha editora, Raquel Menezes, e pela professora e escritora Nilma Gonçalves de Lacerda. Todos são histórias de mulheres. O conto que dá o nome ao livro faz parte de Prantos, Amores e outros Desvarios, onde surge com o título Alice in Thunderland. É uma versão muito diferente do livro famoso de Lewis Carroll, contada desta vez pela própria Alice.*

TCJ: Dentro da produção literária escrita por mulheres, na sua opinião, qual o papel de Clarice Lispector na ficção de língua portuguesa?

3 A cena citada por Teolinda Gersão tem o seu desdobramento em *Perto do coração selvagem* (2019) com a seguinte disposição: “— Como é que você o quer: com o corpo?
— Sim, com o corpo — balbuciara Lídia.
— É amor.
— E você? — atreveu-se Lídia.
— Não tanto” (LISPECTOR, 2019, p. 145).

TG: *Não lhe sei dizer. Clarice é única e diferente. A sua voz é só dela. Pessoalmente, quando a leio, sinto que a língua portuguesa é por ela transfigurada, de uma maneira só possível a partir de outras latitudes e raízes. Essa diferença só nos enriquece, dos dois lados do Atlântico. Só cabeças muito simplistas e cegas julgam que uma língua se poderia uniformizar, e que, se fosse possível, isso seria positivo. O que fazer então por exemplo de Guimarães Rosa, Machado de Assis, João Cabral, Hilda Hilst, Nélida Piñon, António Torres ou de Clarice? O que fazer de toda a literatura? Mas há quem afirme com orgulho que nunca leu um livro... Felizmente uma língua é feita de muitas variantes igualmente legítimas, e todas as tentativas de uniformizar o que quer que seja falham estrondosamente. A começar pelas tentativas aberrantes de querer uniformizar a ortografia, e frequentemente também o vocabulário, como se fosse preciso “traduzir” dentro da mesma língua.*

TCJ: Poderia citar livros de autoria feminina que marcaram/marcam a leitura de Teolinda Gersão?

TG: *Acho que as mulheres estão a conseguir uma revolução positiva e bem-sucedida, na transformação das mentalidades. Faço parte do número das que lutam pela igualdade de género, de direitos e de oportunidades, e infelizmente há ainda muito caminho a fazer neste sentido. Mas não separo os livros por géneros. Há os bons e os maus, escritos por homens ou mulheres. Enquanto escritora, é o talento que me interessa. Mas não ignoro que as escritoras têm de ser muito melhores do que os homens para terem metade da atenção dedicada a estes. E tenho uma admiração especial por escritoras pioneiras, que escreveram contra ventos e marés, como George Sand, Jane Austen, Emily Dickinson, Virginia Woolf e muitas outras.*

ANA TERESA PEREIRA⁴

Nascida em 1958, em Funchal, Ilha da Madeira, onde vive, Ana Teresa Pereira já lançou mais de 40 títulos, que incluem contos, romances e literatura infantojuvenil. Sua obra, já traduzida para o inglês, francês, alemão, italiano,

4 Entrevista concedida em 21 de fevereiro de 2021.

eslovaco, entre outros idiomas, ostenta um profundo clima psicológico, referências a Henry James e ao cinema dos anos 1950. É a primeira mulher a receber o prêmio principal do Oceanos por *Karen* (2018), seu primeiro livro publicado no Brasil.⁵

TCJ: Ana, você foi a primeira mulher a conquistar o Prêmio Oceanos, em 2017. Ocorrência que abriu passagem, ao que parece, ao reconhecimento de mulheres nessa premiação. Em 2018, a brasileira Marília García foi a vencedora deste importante prêmio e, em 2019, a angolana Djaimilia Pereira de Almeida. Em 2017, você foi a única mulher finalista dessa premiação, Maria García, em 2018, também; contudo, concorrendo com Djaimilia, em 2019, estavam Dulce Maria Cardoso e Nara Vidal. Na sua opinião, qual a importância, ainda que tímida, do reconhecimento da escrita de autoria feminina?

ATP: *Gosto da ideia de ter sido a primeira mulher a vencer o Oceanos. E, se isso contribuiu para um maior reconhecimento da escrita no feminino, fico muito feliz.*

TCJ: Clarice Lispector encontrou grande dificuldade para a publicação de seus livros. Por ter uma escrita inovadora para a época, somado isso ao fato de ser mulher, as editoras não queriam publicar seus escritos,⁶ razão por que Lispector recorreu às editoras de amigos para lançar suas produções. De acordo com sua experiência pessoal, ainda há barreiras para produções assinadas por mulheres?

ATP: *O meu primeiro livro, Matar a imagem, ganhou o Prêmio Caminho Policial. Esse prêmio permitiu a sua publicação e a de uma coletânea de contos, As personagens. Dois livros que abriram caminho para os que se seguiram. Nunca tive dificuldade em publicar, ou senti que por ser mulher era discriminada no mundo editorial.*

5 Informações biográficas retiradas da revista literária *Rascunho*. Disponível em: <https://rascunho.com.br/ensaios-e-resenhas/o-requinte-da-simplicidade/>.

6 A respeito do lançamento de *Perto de coração selvagem*, Sérgio Milliet registrou que o sobrenome de Clarice – Lispector – era estranho e desagradável, intuindo ser um pseudônimo. A crítica de Milliet desdobra-se com a seguinte consideração: “Mais uma dessas mocinhas que principiam ‘cheias de qualidades’, que a gente pode até elogiar de viva voz, mas que morreriam de ataque diante de uma crítica séria” (MILLIET, 1945, p. 27).

TCJ: Em entrevistas, você diz ter predileção pelos poetas Manoel de Barros, Manuel Bandeira e Fernando Pessoa. E Clarice Lispector? Qual o seu contato com a literatura de Clarice Lispector? Há algum texto da autora que lhe é especial?

ATP: *Há alguns anos que não leio Clarice Lispector. Folheio o livro dela que mais me impressionou, A maçã no escuro. Há frases sublinhadas: “De algum modo tudo o que ainda iria suceder àquela mulher já estava acontecendo naquele instante.”;⁷ “Não sei, há muito tempo já não nos víamos mais, já não falávamos directamente um com o outro, como se só tivéssemos alma”.⁸ O meu mundo é o de Henry James, Truman Capote, Daphne du Maurier, Iris Murdoch... Livros como A volta do parafuso, A árvore da noite, Rebecca, O bom aprendiz, marcaram-me muito. E, nos últimos anos, os meus romances são “policiais abstratos”, talvez devido à influência de Cornell Woolrich (William Irish). Os contos tornaram-se mais enigmáticos, fechados em si mesmos, sem qualquer relação com o mundo exterior; têm uma lógica interna, o “inconsciente do texto” está muito próximo da superfície.*

TCJ: A entrevistadora Clarice Lispector possuía perguntas-chave que direcionava aos seus entrevistados. São elas: O que é o amor? Qual a coisa mais importante na vida? O que define o ser humano como pessoa? Você poderia tentar responder a essas questões?

ATP: *Não sei o que é o amor; suponho que ninguém sabe. Por outro lado, acho que o que define um ser humano é a sua capacidade de empatia, a sua capacidade de amar. Não exclusivamente outros seres humanos. Segundo Truman Capote, primeiro temos de aprender a amar uma folha, uma gota de água... Prestar atenção é uma coisa simples, mas não é fácil. Temos de praticar sempre. Acho que aprendi muito nos últimos anos com poetas como W. S. Merwin, Louise Glück, William Stafford. O mais importante é a ligação ao mundo, a atenção ao mundo. Um mundo que é preciso defender, sempre, a cada momento.*

7 LISPECTOR, C. *A maçã no escuro*. Rio de Janeiro: Rocco, 2020, p. 65.

8 LISPECTOR, C. *A maçã no escuro*. Rio de Janeiro: Rocco, 2020, p. 210.

TCJ: Você publicou cerca de 40 livros. O que busca a escritora Ana Teresa Pereira em sua literatura? Há alguma produção prevista para o ano de 2021?

ATP: *Não creio que sejam 40... Há livros reeditados, contos integrados noutros volumes. Enfim, eu não os conto. Não sei o que procuro. Neste momento, estou a trabalhar numa ficção sobre William Irish, que mistura a sua vida pessoal com os seus fantasmas, que regressam uma e outra vez nos romances e contos. E também num livro sobre “Vertigo” de Alfred Hitchcock. Mas não sei se é possível escrevê-lo. Segundo Borges, ninguém pode ler As mil e uma noites. “Vertigo”, embora só tenha duas horas, é um filme sem fim; está ligado a tantos outros (desde “Pushover” a “L’Année Dernière à Marienbad”), a tantos livros, a tantas emoções. É um filme cheio de fantasmas, os de Hitchcock e os nossos. E os fantasmas têm os seus fantasmas. O universo pode estar contido num livro, ou num filme.*

INÊS PEDROSA⁹

Inês Pedrosa nasceu em 1962. Licenciada em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa, trabalhou na imprensa, na rádio e na televisão, tendo recebido vários prêmios de jornalismo. Foi diretora da Casa Fernando Pessoa entre 2008 e 2014. Manteve durante anos uma crônica semanal no *Expresso*, galardoada, em 2007, com o Prémio Paridade da Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género. Publicou 25 livros, entre os quais se destacam oito romances: *A instrução dos amantes*, *Nas tuas mãos* (Prémio Máxima de Literatura), *Fazes-me falta*, *A eternidade e o desejo* (finalista do Prémio Portugal Telecom 2009 e do Prémio Correntes d’ Escritas 2010), *Os íntimos* (Prémio Máxima de Literatura), *Dentro de ti ver o mar*, *Desamparo* (2015) e *O processo violeta* (2019).¹⁰

TCJ: Como se deu o seu primeiro contato com a obra de Clarice Lispector?

IP: *No Brasil, creio que por volta de 2004 ou 2005, porque alguns estudantes me perguntavam se eu tinha lido Clarice, encontrando paralelos entre o meu*

⁹ Entrevista concedida aos 5 de março de 2021.

¹⁰ Informações biográficas retiradas do site oficial da autora: www.inespedrosa.com/biografia.html.

trabalho e o dela. Aliás, Ângela Laguardia¹¹ fez a sua tese de doutoramento, há alguns anos, precisamente sobre essa aproximação. Mas a verdade é que eu nunca tinha lido Clarice, que não estava ainda publicada em Portugal. Quando a li, percebi que sim – que ela é da minha família.

TCJ: Qual o seu livro favorito da escritora brasileira?

IP: *É difícil, porque gosto de tudo o que ela escreveu – mas gosto particularmente dos contos. Talvez A legião estrangeira.*

TCJ: No seu livro *Desamparo*, você escolhe como epígrafe uma frase da produção jornalística de Clarice, um fragmento de uma das suas crônicas publicadas no *Jornal do Brasil*: “Agora eu conheço o grande susto de estar viva, tendo como único amparo exatamente o desamparo de estar viva”.¹² Na sua opinião, qual a importância da produção jornalística de Clarice Lispector?

IP: *Sim, escolhi essa epígrafe porque a evidência do título do meu romance me surgiu dela. A produção jornalística de Clarice faz parte da sua literatura, isto é: tal como a sua produção ficcional, desloca a rotina do olhar e do pensamento, provocando abalos nas coisas, situações e relações que tomamos como quotidianas, instaladas, seguras, dissecando-as, esventrando-as para as ver por dentro.*

TCJ: Na linha das perguntas que a entrevistadora Clarice Lispector fazia aos seus entrevistados, pergunto a você: O que é o amor? Qual a coisa mais importante no mundo? Qual a coisa mais importante para uma pessoa enquanto indivíduo?

IP: *A coisa mais importante do mundo é o amor, que consiste na pura suspensão do tempo e do espaço e na comunhão total com o outro e conosco mesmos.*

11 LANGUARDIA, A. M. R. *Clarice Lispector e Inês Pedrosa: aproximações*. Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, janeiro de 2017.

12 Fragmento da crônica intitulada “Trecho”, publicada por Clarice Lispector no *Jornal do Brasil*, em 28 de junho de 1969. O excerto, modificado, também faz parte do sexto romance de Clarice, *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, publicado no mesmo ano da crônica: “Naquela hora da noite conhecia esse grande susto de estar viva, tendo como único amparo apenas o desamparo de estar viva” (LISPECTOR, 2013, p. 115).

TCJ: Seu último romance foi *O processo Violeta*, lançado em 2019, em Portugal. Há novo romance ou produção para o ano de 2021/2022?

IP: *Há novo romance em produção, mas não sei se ficará pronto em 2021. Neste ano quero terminar a tese de doutoramento que arrasto, há anos, sobre Milan Kundera. Veremos o que acontece.*

HÉLIA CORREIA¹³

Escritora portuguesa contemporânea (1949), licenciou-se em Filologia Românica e é professora de Português do Ensino Secundário. Apesar do seu gosto pela poesia, Hélia Correia é reconhecida como uma das revelações da novelística portuguesa da geração de 1980, embora seus contos, romances e novelas estejam sempre impregnados do discurso poético. Estreou-se na poesia com *O separar das águas*, em 1981, e *O número dos vivos*, em 1982. A novela *Montedemo*, encenada pelo grupo O Bando, deu à autora certa notoriedade. Aliás, Hélia Correia revelou, desde cedo, o gosto pelo teatro e pela Grécia clássica, o que a levou a representar em *Édipo Rei* e a escrever *Perdição*, levadas à cena, em 1993, pela Comuna. Escreveu também *Florbela*, em 1991, que viria a ser encenada pelo grupo Maizum. Destacam-se ainda na sua produção os romances *Casa eterna* e *Soma* e, na poesia, *A pequena morte/Esse eterno conto*. Recebeu, em 2002, o Prémio PEN 2001, atribuído a obras de ficção, por *Lillias Fraser*. Venceu o Prémio literário Correntes d'Escritas/Casino da Póvoa com o livro de poesia *A terceira miséria*. Foi galardoada com o Prémio Camões, em 2015.¹⁴

TCJ: Como a obra de Clarice Lispector chegou às suas mãos? Qual texto da autora ocupa lugar afetivo em suas leituras?

HC: *Não me recordo do momento em que encontrei Clarice. Sei que a primeira obra foi A paixão... e que fui deitar-me no escuro, aterrorizada, com náuseas e*

¹³ Entrevista concedida em 14 de maio de 2021.

¹⁴ Informações biográficas retiradas do perfil da escritora no site da Porto Editora: <https://www.portoeditora.pt/autor/helia-correia/6343>.

enxaqueca. Começou, pois, como uma toma de veneno, uma intoxicação que nos vicia. Passei a precisar de Clarice nas veias e só depois me deslumbrei com a beleza, igualmente difícil de encarar. Não tenho «um» texto, tenho «o» texto de Clarice que, aliás, leio muito poucas vezes. O convívio com «o» texto põe-me em perigo e eu, como ser vivo, tenho de defender-me.

TCJ: Três escritores portugueses assinam contos no volume *Clarice Lispector: personagens reescritos*, lançado pela editora Oficina Raquel, em 2012: você, Maria Teresa Horta e Pedro Eiras. Neste compêndio, você apresenta um conto nomeado “Captura”, uma releitura do texto “A imitação da rosa” (*Laços de família*). Como se deu a escolha do texto de Clarice para composição de “Captura”? Por que “A imitação da rosa”?

HC: *Nunca escolhi seja o que for na vida. Esse ramo de rosas esteve sempre comigo e, ao ler o convite, disse: «Aceita, dá-me voz». São as rosas, a mão da natureza, o poder sugador que quer recuperar para dentro da terra todo o vivo. Chama-se a isso a morte, mas também pode chamar-se o forasteiro que traz loucura. As rosas são o forasteiro que pretende levar Laura para longe da ordem e do lar. Na selva e na loucura, o indivíduo alastra, perde o entendimento social e é feliz.*

TCJ: Ainda acerca de “A imitação da rosa” e “Captura”, em ambas as narrativas, de Clarice e a sua, o aspecto religioso é pressentido. Cito um trecho do seu conto que alude, não sem ironia, à religião: “Os pensamentos vinham certamente de onde vinham as cobras, deslizantes, silenciosos e frios. Ela calcava-os, como a Bíblia dizia para fazer”. Pergunto: você está ligada de algum modo a alguma “religião”?¹⁵

HC: *Essa é uma pergunta pessoal. Fazer uma citação da Bíblia não indicia pertença a religião, apenas a cultura comum aos ocidentais... Respondo só que não sou cristã.*

TCJ: A jornalista Clarice Lispector, enquanto entrevistadora, possuía perguntas-chave que direcionava aos seus entrevistados. São elas: O que é o amor?

¹⁵ Ao entrevistar Jorge Amado, Clarice Lispector indaga-o: “Você está de algum modo ligado a alguma religião? Nunca teve uma experiência mística?” (LISPECTOR, 2007, p. 25).

Qual a coisa mais importante no mundo? Qual a coisa mais importante para uma pessoa enquanto indivíduo? Como Hélia Correia responderia a essas questões?

HC: *Não gosto mesmo nada de perguntas que implicam assumir escolhas absolutas. Não saberia responder a essas. O que é a coisa mais importante no mundo? A luz do sol na água? Acho que sim.*

TCJ: Hélia, você é uma escritora premiada com importantes reconhecimentos, Prémio Máxima de Literatura (1991, 2006); Prémio D. Dinis (2001); Prémio P.E.N. Clube Português de Novelística (2002); Prémio Vergílio Ferreira (2013); Prémio P.E.N. Clube Português de Poesia (2013); Prémio Camões (2015); Grande Prémio de Romance e Novela APE/DGLAB (2018). Como é que você se tornou escritora? Quais foram suas dificuldades como escritora?¹⁶

HC: *Tornei-me escritora aos 4 anos. Nasci, estive doente e, logo a seguir, escrevi. Nunca conheci dificuldades e aceito mal as queixas que ouço a tal respeito. Não tenho ofício, não tenho compromissos, não tenho mundo exterior para a minha escrita. Não preciso de nada e, por isso, sou livre quase orientalmente. Há criadores que necessitam de muita coisa, que têm de sacrificar-se e de comprometer-se, porque as artes deles implicam materiais e contratos – realizadores, encenadores, coreógrafos. Eu, para escrever, em última análise, preciso apenas de um papel e um lápis. E, se me faltar o dinheiro para a luz eléctrica, posso sempre ir para a rua, sob um candeeiro público. Bem sei que há mais do que isto – mas é isto o meu centro.*

Agradecimentos: reitero os meus agradecimentos às escritoras Teolinda Gersão, Ana Teresa Pereira, Inês Pedrosa, Hélia Correia.

¹⁶ As duas perguntas direcionadas a Hélia Correia tiveram como base a entrevista que Clarice Lispector fez com Nélida Pinõn: “[Nélida] como é que você se tornou escritora?” (LISPECTOR, 2007, p. 44) e “Quais foram suas dificuldades como escritora?” (LISPECTOR, 2007, p. 48).

REFERÊNCIAS

LISPECTOR, C. *Entrevistas/Clarice Lispector*. Organização de Claire Williams; preparação de originais e notas biográficas de Teresa Montero. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

LISPECTOR, C. *Perto do coração selvagem*. Posfácio de Nádia Battella Gotlib. Edição comemorativa. Rio de Janeiro: Rocco, 2019.

LISPECTOR, C. *A maçã no escuro*. Posfácio de Rosiska Darcy de Oliveira. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

LISPECTOR, C. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2013.

MILLIET, S. *Diário crítico*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1945.

NUNES, A. M. *Clarice Lispector jornalista: páginas femininas & outras páginas*. São Paulo: Senac São Paulo, 2006.